



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

**O Proeja Transiarte: significações de estudantes sobre processo de
transformação social mediado pelas tecnologias**

Natália Capistrano dos Santos Stanzani

Brasília, DF
2010

NATÁLIA CAPISTRANO DOS SANTOS STANZANI

O Proeja Transiarte: significações de estudantes sobre processo de transformação social mediado pelas tecnologias

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação do professor Dr. Lúcio França Teles.

Brasília, DF

2010

NATÁLIA CAPISTRANO DOS SANTOS STANZANI

**O Proeja Transiarte: significações de estudantes sobre processo de
transformação social mediado pelas tecnologias**

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Lúcio França Teles (orientador)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília, DF

Setembro de 2010

Dedico este trabalho aos meus pais e aos meus irmãos, referências de amor e respeito, sempre presentes na minha vida com apoio e carinho.

Agradecimentos

A todos os meus familiares de forma geral. Cada um de vocês contribuiu diferentemente durante toda minha formação acadêmica e humana. Aos meus irmãos, Guilherme e Rafael, pela cumplicidade e amizade verdadeira. À Tânia Mendes, por todo cuidado e carinho. Ao meu tio Tadeu Capistrano, pela presença, estímulo, disponibilidade e, especialmente, por me servir de exemplo em tudo aquilo que realizou e ainda pretende realizar em sua vida.

Aos estudantes das escolas do Centro de Ensino Médio 03 de Ceilândia, pelas conversas, pelo respeito, pela amizade e pelo aprendizado. Aos colegas do projeto - professores da UnB, professores do CEM 03 e da ETC, estudantes da UnB, grupo GENPEX - pelas valiosas conversas e discussões, por me mostrarem o verdadeiro compromisso com a educação de jovens e adultos. Aos amigos e amigas, pelos momentos de lazer, alegrias, descontração e incentivo ao trabalho. Aos professores pela contribuição na construção dos meus pensamentos e do meu conhecimento.

Aos meus pais, Caetano Stanzani e Luciane Capistrano dos Santos Stanzani, por toda força, dedicação e calor demonstrados durante toda minha vida. Vocês são exemplos de seres humanos e de pais a serem seguidos por todos e todas que acreditem no papel fundamental que a família exerce dentro da sociedade. Vocês sempre foram e sempre serão meu grande porto seguro.

À todos que torcem e vibram por mim.

**A primeira condição para modificar a realidade consiste em conhecê-la.
(Eduardo Galeano)**

Resumo

O PROEJA é um programa do governo federal que visa integrar a educação profissional com a educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos. No ano de 2007 teve início o projeto de pesquisa PROEJA Transiarte, coordenado pela Universidade de Brasília com atuação no Centro de Ensino Médio 03 de Ceilândia e na Escola Técnica de Ceilândia, Distrito Federal. Projeto que objetiva pensar e construir coletivamente uma proposta curricular integrando as linguagens da cultura tecnológica à linguagem estética artística com os processos educativos na perspectiva da emancipação dos sujeitos. A metodologia escolhida pelo grupo é a pesquisa-ação existencial, que, diferentemente da pesquisa clássica, parte de um problema já constatado e o papel do pesquisador consiste em ajudar a coletividade a determinar todos os detalhes mais cruciais ligados ao problema por meio de uma tomada de consciência dos atores do problema numa ação coletiva. Nesse processo de construção e trabalho coletivo, eu - como sujeito participante da ação - percebo transformações em mim e no grupo de estudantes. Por meio da minha observação participante e de minhas entrevistas, procuro questionar como os estudantes do curso de Introdução à Arte Digital, ministrado na Escola Técnica de Ceilândia, se relacionam com as novas tecnologias da informação e da comunicação assim como questionar a importância da participação no Proeja Transiarte na sua trajetória escolar e trajetória de vida.

Palavras-Chave: Educação de Jovens e Adultos; Proeja; Ciberarte; Transiarte.

Abstract

PROEJA is a Brazilian Government policy which aims to integrate professional and basic education for adults. In 2007 began the Government policy named PROEJA Transiarte, coordinated by the University of Brasilia with operations in Ceilândia's Centro de Ensino Médio 03 and Ceilândia's Technical School, Distrito Federal. Project that aims to collectively thinking and building a curriculum that integrates the technological culture languages to the artistic aesthetic languages within the educational process from the perspective of the subject's emancipation. The methodology chosen by the group is the existential action research, which, unlike the classic research, part from a problem already identified and the researcher's role is to help the community to determine all the details related to the most crucial issue through an awareness of actors in a collective action problem. In the process of construction and collective work, I – subject and participant of the action – notice changes in myself and in the group of students. Through my participant observation and my interviews, I try to question how the students of Digital Art Introduction, taught at the Ceilândia's Technical School, relate to the new technologies of information and communication as well as questioning the importance of participation in PROEJA Transiarte in their school and their life trajectory.

Key-Words: Adults Education; PROEJA; Ciberarte; Transiarte.

Sumário

Sumário

Apresentação.....	9
Parte I : Das Minhas Memórias.....	12
Parte II: O Proeja Transiarte - significações de estudantes sobre processo de transformação social mediado pelas tecnologias.....	21
CAPÍTULO I – O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA): uso da linguagem Transiarte.....	21
1. O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Proeja.....	21
2. O Projeto Proeja Transiarte.....	25
2.1 O Projeto 19 “O Proeja indicando a reconfiguração do campo da Educação de Jovens e Adultos com qualificação profissional – desafios e possibilidades do Proeja”	25
2.2 O Subprojeto Proeja – Transiarte: Equipe e Locus da pesquisa.....	27
2.3 Estratégia metodológica do projeto PROEJA Transiarte.....	30
2.4 Contextualizando a Transiarte: A Ciberarte.....	31
2.5 A Transiarte.....	33
Objetivo Geral.....	37
Objetivos específicos.....	37
CAPÍTULO II - O processo de transformação social dos estudantes do curso de Introdução à Arte Digital a partir do uso de novas tecnologias.....	38
1. Os entrevistados.....	39
2. A relação dos estudantes com o computador.....	42
3. Impressões e olhar.....	46
Considerações Finais.....	53
Parte III: Perspectiva de atuação profissional como pedagoga.....	56
Referencias Teóricas.....	57
Sites.....	59
Apêndice.....	60
Anexo.....	63

Apresentação

Na pós modernidade a velocidade da informação e comunicação promovem juntamente com o desenvolvimento dos aparatos midiáticos, o início de uma nova etapa na história da cultura baseada na automatização da produção, distribuição e consumo da informação. As novas tecnologias, em particular a Internet, vieram para ficar e já começaram a alterar o comportamento da sociedade – como um dia fizeram o telefone, o rádio e a TV.

O cidadão do século XXI certamente necessita dominar a tecnologia da comunicação e de expressão da Web para que se possa dar a inclusão social na sociedade contemporânea.

Neste contexto a Transiarte apresenta-se como o processo de remodelação, reconfiguração estética virtual: a produção artística, seus suportes, e outros implementos da arte tradicional são repensados e reconfigurados, e passam então a expressar novas estéticas, agora digitais, povoando o campo do ciberespaço”. (Teles, 2008)

A arte de transição ou transiarte propõe transcender a forma de ensinar e de aprender e é nesse contexto que percebemos a sua importância como contribuição de uma prática pedagógica que valorize os sujeitos envolvidos.

Essa experiência foi desenvolvida no projeto Proeja Transiarte, que visa criar as condições para a institucionalização da educação profissional no DF, integrada à educação de jovens e adultos, com o objetivo de qualificar o estudante trabalhador para o mundo do emprego. Esse projeto acontece em Ceilândia, Distrito Federal. No contexto educacional dessa pesquisa, a transiarte é entendida como meio de inclusão digital que, além de possibilitar o uso das TICs, pode resgatar a identidade cultural e promover a criatividade dos participantes.

A Universidade de Brasília (UNB) em consórcio com a Universidade Federal de Goiás (UFG), com a Universidade Católica de Goiás (UCG) e com o Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás (CEFET-GO), recebeu um financiamento da CAPES/SETEC-MEC para a tentativa de implementação do programa.

Este trabalho aborda a experiência de estudantes do Centro de Ensino Médio 03 de Ceilândia (CEM 03) participantes do Projeto Proeja Transiarte nas aulas do curso de Introdução à Arte Digital, na Escola Técnica de Ceilândia (ETC), no primeiro semestre de 2010, que culminou na produção do vídeo: “Cidade Viva”.

A metodologia utilizada é a pesquisa-ação (Barbier, 2002). Ela presuppõe a

transformação da realidade pesquisada no ato de pesquisar. A pesquisa possui como objetivos transformar a realidade e produzir conhecimentos relativos a essas transformações.

O memorial é a **primeira parte** do trabalho, onde destaco a minha vida sócio-educativa, ou seja, os momentos significativos na constituição do meu Ser, desde as lembranças marcantes da minha infância e trajetória escolar tradicional, passando pela minha vida afetiva e familiar até chegar ao meu ingresso no Curso de Pedagogia na UnB. Mostro uma síntese dos meus momentos iniciais de vida até a chegada à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB), instantes que devem ser entendidos em uma perspectiva histórico-cultural que delinearão a minha entrada e os rumos que resolvo traçar na minha caminhada universitária.

Na **segunda parte**, nomeado de monografia, apresento um capítulo explicativo sobre o programa Proeja, do governo federal, e sobre o projeto Proeja Transiarte. Trago o surgimento do projeto, descrevo seus objetivos e desafios, apresento o grupo de pesquisa e a cidade de Ceilândia e descrevo a metodologia utilizada na pesquisa. Seguindo em direção à contextualização da transiarte, trago a explicação sobre ciberarte e, finalmente, explico o conceito de transiarte e sua aplicação no Proeja Transiarte. Em seguida, descrevo o processo das oficinas e das aulas do projeto.

Antes de começar o segundo capítulo, exponho os objetivos geral e específicos da minha pesquisa.

Início o segundo capítulo do trabalho contextualizando o leitor sobre o grupo de estudantes. Apresento os educandos entrevistados: Júlio, Sâmara e Hýcaro. Em seguida, questiono os estudantes como se dá sua relação com o computador e se os alunos perceberam transformações em si e nos outros participantes do projeto.

Concluo mostrando que esta pesquisa continua, abre novas ações e questões para o projeto. Ação-reflexão-ação imbricadas em constante movimento.

A **terceira parte** é composta das perspectivas futuras que tenho. Da minha atuação profissional, em que almejo continuar a caminhada educativa, buscando a estabilidade e qualificação profissional, além de retribuir à sociedade as expectativas e esperanças investidas em educadores comprometidos com a humanização e a emancipação do ensino.

PARTE I
Memorial
DAS MINHAS MEMÓRIAS

Parte I : Das Minhas Memórias

Sou filha de Caetano Stanzani, natural de Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, com Luciane Capistrano dos Santos Stanzani, nascida em Vitória, capital do estado. Nasço no dia 03 de novembro de 1987 na mesma cidade que meu pai.

Minha mãe, filha mais velha de quatro irmãos, teve uma infância feliz e tranquila. Meu avô trabalhava na Empresa Brasileira de Telecomunicações e minha avó era telefonista. Aos 18 anos, minha mãe tem o seu primeiro emprego.

Estudou toda a educação básica na idade própria, mas só em 2004 ingressou em um curso superior. Minha mãe tem uma enorme sensibilidade estética e habilidades manuais incríveis. Talvez por ver sua avó fazer artesanato com conchas marinhas ou até mesmo sua mãe, minha avó, fazer rendas e crochê, sempre gostou de arte e artesanato.

E eu, influenciada por estas mulheres, cresci em meio às experimentações, brincadeiras com cola, tinta, tesoura, linhas, tecidos, telas e outros materiais.

Meu pai é o sexto de seis irmãos. É o filho temporão, seus pais já eram avós quando ele nasceu. É de uma família tipicamente italiana, com muita gente, muita alegria, muita união, muitas festas e comida farta todos os dias.

Nascido e criado em Cachoeiro de Itapemirim - ES, começou a trabalhar ainda criança na padaria do seu pai. Ele fazia, de bicicleta, entrega de pães pela cidade. Perdeu o pai quando tinha apenas 18 anos, o que o fez continuar a trabalhar no negócio da família. Ele não queria passar o resto da vida trabalhando como caixa de padaria, quando decidiu, e teve apoio de uma irmã, fazer o curso de Engenharia de Telecomunicações em Minas Gerais. Logo recebeu uma proposta de emprego.

O encontro dos meus pais aconteceu no ambiente de trabalho dos dois. Casaram-se e tiveram seu primeiro filho, meu irmão Rafael, e outras duas gestações que não evoluíram por aborto natural e por má formação do feto.

Meus pais queriam outro filho, para isso minha mãe iniciou um tratamento. Ela engravida de mim e nasço em Cachoeiro de Itapemirim.

Com meus 3 meses de vida, uma surpresa: minha mãe tem sua última gestação, a do meu irmão mais novo, Guilherme. Um mês após seu nascimento, fomos morar em Vitória devido à transferência de emprego do meu pai.

Morávamos em um apartamento alugado. Rafael, cinco anos mais velho que eu, já

frequentava a escola, mas eu e Guilherme, não. Então brincávamos e brigávamos muito durante todo o dia e todos os dias. Como sou apenas um ano mais velha que ele, estávamos sempre juntos. Somos grandes companheiros, mas as brigas são grande parte das nossas histórias.

Minha mãe, receosa da babá não estar cuidando bem de nós, seus filhos, trocou o emprego pelo trabalho doméstico. Passou a cuidar, exclusivamente, dos filhos e da casa. Não se arrepende. Minha mãe me mostra com dedicação a importância do amor.

Ao longo do nosso percurso, nos acostumamos a ver nosso pai só à noite, quando chegava do trabalho. Ele viajava muito. Sentíamos muito a ausência dele, mas sempre tivemos uma relação de muita intimidade e amor. Meu pai é um homem muito carinhoso e sensível, me mostra o compromisso com o trabalho, a nobreza de suas atitudes com o outro e a importância da família.

Ainda solteiro, meu pai comprou uma casa na pequena praia de Costa Bela, localizada na cidade de Jacaraípe, também no Espírito Santo. Minhas mais importantes e felizes memórias de infância estão relacionadas àquele lugar. Com poucas ruas e casas, minha família tem uma forte ligação com este local.

Vizinhos-amigos muito generosos. Um grupo plural. Todos temos idades próximas. Convivíamos respeitando e aceitando as diferenças de cada um. Diversidade econômica, racial, religiosa, de pensamento, de opiniões, de hábitos, de costumes, de comportamento. É um grupo de pessoas fundamental para a minha formação humana.

Sempre tive consciência de que nem todos viviam como eu. Uns com menos dinheiro, outros sem pai, outros que comiam pratos de uma cultura pouco conhecida por mim. Quando estávamos juntos, essa pluralidade aparecia e era valorizada. Não tínhamos medo do desconhecido, do novo. Talvez por presenciarmos desde muito novos a convivência dos nossos pais, sendo esta de respeito recíproco. Meus pais, os pais dos meus amigos e até mesmo nós, os filhos, sempre conversamos sobre todos os assuntos que circundam o diferente sem fazer desses momentos, ocasiões polêmicas. A naturalidade dos nossos diálogos me fez crescer humanamente e me fez querer lutar a favor da valorização do outro.

Do Colégio Sagrado Coração de Maria de Vitória, lembro-me da sua paisagem deslumbrante, tendo acesso reservado a uma das mais bonitas praias da cidade. Um belíssimo prédio construído no alto de um morro com vista para o mar. Tem um espaço amplo, no qual tive muitos momentos de lazer e confraternização. Sou muito grata a todas as professoras: Tia Ana Lúcia, Tia Lau, Tia Lúcia Helena e Tia Zelina. Elas, além de terem me ensinado a

matemática e me alfabetizado, foram fundamentais na minha formação inicial para a cidadania. Eram mulheres solidárias, professoras comprometidas com a educação e interessadas pelos seus alunos. Meus pais gostavam e confiavam muito nelas. A tia Zelina é amiga da minha mãe até hoje. Liga nos aniversários de todos da minha família para desejar parabéns. Essa relação próxima entre as professoras e meus pais me deixava muito segura.

Estudei neste colégio a educação infantil, primeira e segunda séries do ensino fundamental. Relacionava-me bem com todos, tanto meninas quanto meninos. Adorava brincar na terra, andar descalça no asfalto, brincar com meninos, mas era muito vaidosa.

Aos 9 anos de idade, meu pai foi mais uma vez transferido do emprego, mas dessa vez atravessou a fronteira do estado. Brasília era a nossa nova cidade. Minha mãe, tão acostumada às mudanças, teve medo ao mudar-se para uma cidade tão distante da sua.

Como não conhecíamos ninguém na cidade, meus pais colocaram-nos no Sagrado Coração de Maria da cidade, mas estudei apenas um ano neste colégio. A relação dos funcionários com os alunos e pais de alunos era muito diferente da acostuada em Vitória. Estava habituada com a proximidade das professoras e, nesta escola, me sentia apenas mais uma aluna. Eu já tinha estudado o conteúdo dado, fazendo com que a professora pedisse para minha mãe os meus cadernos do ano anterior. Esperando alguma atitude do colégio, meus pais se frustraram ainda mais quando perceberam que a professora repetiu tudo que eu já tinha aprendido, baseando-se no meu caderno do ano anterior. Tenho poucas lembranças da minha passagem por este colégio. Não tenho contato com nenhum amigo de lá.

No ano seguinte, o Colégio Salesiano Dom Bosco, uma tradicional escola católica, passa a ser o palco dos meus próximos 3 anos escolares. O colégio foi escolhido por ser conhecido em todo o país e porque, na época, morávamos próximo a ele.

Neste mesmo período, meus pais disseram que eu e Guilherme faríamos um curso de idioma e que cabia a nós escolhermos qual seria. Não gostávamos de inglês, então optamos pelo espanhol. Gostávamos muito da turma e da professora. Concluímos o curso básico.

Na nova escola sinto muita diferença nas minhas relações com colegas e professores. Aproximo-me de estudantes da minha sala e de outras turmas, tenho mais conversas com os professores. Lembro-me com carinho que, diariamente, a espera de algum responsável que fosse me buscar na escola, eu conversava sentada nas escadas do Santuário Dom Bosco com colegas da minha turma, colegas de turmas mais avançados, meu irmão mais novo e seus amigos. Era um momento de descontração que nos permitia conhecer melhor quem era cada um de nós.

Nesta escola, eu era muito estimulada a praticar esportes coletivos. Muitas vezes eles geravam conflitos, mas percebo a importância da prática desses esportes para a minha atual capacidade de trabalhar coletivamente. Também era estimulada às práticas artísticas. Gostava de escrever pequenos versos e, por 2 anos consecutivos, participei de um festival de música da escola, no qual tínhamos que escrever e cantar. Todos os trabalhos apresentados eram reunidos em um livro editado pela escola, depois distribuídos para todos os alunos.

Ao mesmo tempo em que eu era estimulada a praticar esportes e atividades artísticas, não me sentia estimulada a estudar. Tenho a imagem de uma escola e professores desmotivados. As aulas pareciam não ser planejadas, sendo a maior parte delas de resolução de tarefas dos livros didáticos. Eu tinha boas notas, mas não estudava. Era uma coisa que me incomodava. Eu sentia falta de estudar, mas não tinha necessidade, já que meu boletim era bom.

Este incômodo chegou aos meus pais também, quando perceberam que eu não estudava mais em casa. Eles também viram o quão triste e desmotivada eu estava estudando ali. Talvez pela idade, na pré-adolescência, tinham muitas brigas e fofocas na minha série. Pedi para meus pais me maticularem em outra escola.

Minha vida escolar foi, até então, em colégios católicos fundamentados nos valores cristãos. Sou grata a todos. Estes espaços, acolhedores e lúdicos, incentivaram minha sensibilidade e imaginação. Favoreceram minha socialização, interação e cooperação.

No ano 2001, preocupados com a nossa formação e bem-estar (eu e meu irmão Guilherme), meus pais atenderam ao nosso pedido e nos maticularam em outro colégio, o Centro Educacional Sigma. Apesar de querer estudar em uma escola que eu considerava melhor que a anterior, tenho receio em relação ao novo ambiente. Medo de não conseguir acompanhar o conteúdo junto a turma, medo dos professores serem muito exigentes, medo de reprovar, medo de não gostar dos novos colegas de sala. O medo do tão referido colégio surge da sua fama de ser o colégio com maior aprovação no vestibular da UnB. Convivo com esse medo até meu último dia de estudante do ensino médio.

Nos primeiros meses de aula, tenho muita dificuldade em relacionar-me com novos colegas de turma. Passo os intervalos com meu irmão e alguns conhecidos recém matriculados na escola também. Todos estranhando o novo ambiente, um colégio grande, com muitos alunos.

A direção e o corpo docente da escola sempre muito comprometidos com a aprendizagem do aluno. Fiquei impressionada com a competência de todos, principalmente

por atenderem tantos estudantes. Criei uma relação próxima com as orientadoras educacionais. Elas estavam sempre atentas a cada um dos alunos. Conversávamos quando eu não fazia alguma tarefa de casa, quando algum professor ou elas mesmas notavam alguma mudança no meu comportamento, quando tirava notas baixas. Elas não faziam reuniões de pais coletivas, elas agendavam horários para atender cada pai individualmente. Dessa forma, o colégio tentava garantir a qualidade da aprendizagem.

No meu primeiro ano na escola, minha turma era composta por novatos e repetentes. Lembro-me de uma colega que aos 17 anos estava na 7ª série. Eu nunca tinha vivenciado isto e também não esperava vivenciar nesta escola, era uma turma com muitos estudantes mais velhos. Aprendi muito com eles e, com o passar do tempo e observações, rompi o bloqueio da comunicação e fiz novos amigos.

Nesta escola construí fortes laços de amizade que perduram até hoje. Ao lado da Lawana, Amanda, Suellen, Luciana, Thaís, Mariana, Renata, Thayene e Luciana Maria os compromissos e deveres cotidianos tornam-se mais prazerosos. Em dias de conversas, dividimos alegrias, tristezas, sucessos, fracassos, frustrações, estudos, aprendizagem.

Neste colégio soube o que era ter dificuldade em alguma disciplina. Meu rendimento escolar era muito baixo, apesar de estudar em casa. Tinha muita dificuldade para assimilar todo o conteúdo dado. Sentava sempre na primeira ou na segunda carteira para evitar qualquer distração. Também tinha medo e vergonha de levantar a mão e dizer para o professor que estava com dúvida. Medo de enfrentar preconceito e vergonha de ter dúvidas sobre assuntos que pudessem ser considerados fáceis. Por esses motivos, no meu primeiro ano neste colégio, enfrento o terror da primeira recuperação da minha vida escolar. Passei.

Em 2003 chego ao primeiro ano do ensino médio e junto chega a angústia de não saber que curso fazer. Os conteúdos são todos voltados para o vestibular e para o PAS, - Programa de Avaliação Seriada – lançado pela Universidade de Brasília voltado para alunos do ensino médio regular que divide o vestibular em três etapas referentes nas três séries desse segmento. Esta aflição caminha comigo durante todo meu ensino médio.

Tendo muito mais conteúdo para estudar, em um ritmo acelerado, minhas dificuldades aumentam. No terceiro ano, diferente de algumas amigas, eu não estava tão preocupada em passar no vestibular da UnB, eu queria passar de ano com tranquilidade. Foi um ano muito difícil. Sentia-me muito pressionada pela escola e por mim. Lembro-me das tardes de estudos no colégio, dos plantões de professores para tirar dúvidas, das aulas particulares das amigas.

Minha melhor lembrança do terceiro ano foi minha participação na Semana de Arte

Moderna organizada pela escola. É um projeto, optativo, que elucida a Semana de 22, com objetivo de divulgar as transformações artísticas e sociais do início do século XX. Criei uma releitura de uma obra do pintor modernista Lasar Segall. Uma experiência muito importante para mim, sendo a primeira vez que senti ter autonomia dentro da escola, me senti parte dela. Poder escolher participar ou não, escolher como contribuiria, poder finalmente pesquisar e realizar o trabalho que eu achasse significativo.

Com muito esforço, termino meu ensino médio. Na última etapa do PAS, ainda indecisa sobre o que cursar, marco como opção a Pedagogia, já que uma amiga de sala tinha conseguido passar no vestibular do meio do ano, que fez para testar seus conhecimentos. Não tinha ideia do que era o curso, marquei a opção sem esperança de ser aprovada.

Ainda em 2005, faço vestibular para comunicação social, mas também certa de que não seria aprovada. Não tinha planos de estudar em outro lugar se não a UnB, não me imaginava fazendo faculdade particular. Pensava que iria fazer cursinho para o vestibular e, durante os estudos, encontraria algum curso que eu gostasse.

Em janeiro de 2006, ouço gritos da minha mãe e do meu irmão dizendo que eu havia passado na UnB. Uma festa! Eu estava tão certa de que não passaria na avaliação, que não lembrava que o resultado ia sair naquele dia.

Não sabia como reagir à notícia, não estava esperando, não tinha expectativa nenhuma com o resultado. Fiquei muito feliz e pensei em todo o meu esforço para chegar ali e, ao mesmo tempo, veio o desespero de não saber ao certo o que estudaria. Depois de muitas conversas com meus pais, decido fazer o curso e conhecer o que até então era uma interrogação para mim.

Em abril de 2006 começam as aulas. Ansiosa, participo da semana de recepção dos calouros organizada pelos veteranos. Encantou-me a união e o espírito coletivo daquele grupo. Eles prepararam atividades de apresentação do curso, da universidade e dos estudantes. Já na primeira semana estava decida que queria pertencer àquele espaço, àquele grupo.

Ainda em meu primeiro semestre na UnB fiz cursinho pré-vestibular sem a certeza da opção de curso que faria. Inscrevi-me para o vestibular de desenho industrial. Não sabia muito bem o que se estuda neste curso, mas decidi assim. Paralelamente a isso, eu estava adorando a Pedagogia. Conheci pessoas maravilhosas que viam a educação como uma importante e fundamental ferramenta de melhorias.

Finalmente fiz a prova para o curso de Desenho Industrial. Passei na específica, mas não passei no vestibular. Não me lembro de ter ficado triste com o resultado, pois estava

gostando muito do meu curso.

Na Pedagogia gostei de muitas aulas, mas senti falta de mais professores que estudassem e ministrassem disciplinas relacionadas ao ensino de artes, matéria obrigatória no currículo escolar.

No meu segundo semestre de curso, fiz a disciplina “Fundamentos da arte na educação” com o professor Lúcio Teles. Em um primeiro momento acreditei finalmente ter me encontrado naquela infinidade de opções que o curso oferece. Não havia outras opções na Faculdade de Educação para disciplinas de artes. Este foi mais um obstáculo na minha trajetória: Que caminho seguirei?

Nos semestres seguintes optei por disciplinas voltadas às diversidades e mídias. Também gostei muito, pois pude estudar algumas questões culturais, que também me agradam. Fiz três fases de Projeto 3 diferentes. O primeiro, Multiculturalismo e Subjetividade; O segundo “Cinema, infância, raça/ etnia e gênero”; Já o terceiro projeto 3 que fiz foi “Economia Solidária”.

Em 2008 comecei a estagiar no Ministério das Relações Exteriores na Divisão de Treinamento e Aperfeiçoamento, responsável por organizar os cursos internos do Ministério. Foi um ano no qual assumi muitos compromissos. cursava 6 disciplinas no primeiro semestre e 5 no segundo, estagiava à tarde, finalizei meu curso de espanhol e iniciei meu curso de francês. No ano anterior, terminei o curso de inglês.

No início do meu sétimo semestre encontrei o professor Lúcio Teles no corredor da Faculdade de Educação e, sempre muito simpático, conversou comigo. Perguntei, impulsivamente, se ele estava precisando de monitora. Eu não precisava dos créditos que a monitoria traria para meu histórico, queria manter-me vinculada à disciplina e ao professor. Ele disse que sim e pediu para que eu fosse imediatamente à secretaria e preenchesse o formulário para que ele pudesse assinar.

Eu já conhecia a forma de trabalho do professor, como fui aluna dele e já tinha monitorado a disciplina no meu terceiro semestre. Estive presente em quase todas as aulas que monitorei. Em uma delas, perguntei para o professor Lúcio Teles se haveria a possibilidade dele abrir um projeto 4 no semestre seguinte. Ele respondeu que não sabia como isso funciona, mas se eu quisesse, eu poderia participar de um projeto de extensão, relacionado ao Portal dos Fóruns de EJA do Brasil, o PROEJA - Transiarte.

Como não tinha experiência e nem estudos sobre a Educação de Jovens e Adultos, aceitei o convite como um novo desafio. Parecia que finalmente todos os meus anseios com o

curso faziam sentido.

Em 2009 tem início minha participação no Projeto PROEJA – Transarte, que teve origem no Edital da CAPES/SETEC-MEC e visa estimular a investigação dos processos de implementação da educação profissional integrada à educação de jovens e adultos (EJA) tendo por base o Decreto Nº. 5.840 de 13 de julho de 2006.

Fiz todo o curso dentro do fluxo, mas como entrei no projeto de extensão no meu sétimo semestre, decidi prolongar minha permanência na UnB. Foi uma decisão difícil de ser tomada, mas necessária. Queria pertencer àquele grupo por mais tempo, pois não me sentia preparada para receber um papel que me certificaria como pedagoga.

Pertencer ao grupo do PROEJA – Transarte me influenciou de forma política, ideológica, afetiva e social a partir da vivência e convivência com pessoas com diferentes características. Ampliou minha percepção analítica, me transformando e transformando os que estão comigo.

As trocas de experiências e saberes no projeto Proeja Transarte ressignificam as relações existentes, tanto entre sujeito e máquina quanto entre sujeito e sujeito. O incentivo ao desenvolvimento de habilidades artísticas e ao uso de tecnologias podem trazer uma postura crítica, reflexiva e atuante na realidade de todos os envolvidos. Durante o processo, as diferenças tendem a diminuir, constituindo um grupo interessado e capaz de perceber e buscar transformações, novas possibilidades.

PARTE II
MONOGRAFIA

O Proeja Transiarte: significações de estudantes sobre processo de transformação social mediado pelas tecnologias

Parte II: O Proeja Transiarte - significações de estudantes sobre processo de transformação social mediado pelas tecnologias

CAPÍTULO I – O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA): uso da linguagem Transiarte

1. O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Proeja

O Proeja é um dos programas instituídos na primeira gestão do presidente Luís Inácio da Silva – Lula (2003 a 2006) e tem como objetivo a integração de duas modalidades de ensino, a Educação de Jovens e Adultos e a Educação Profissional. O Proeja, desde sua implantação, é coordenado pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) do Ministério da Educação – MEC.

Em 13 de julho de 2006 foi promulgado o Decreto nº 5.840 que institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Proeja, permitindo sua oferta por instituições públicas dos sistemas de ensino estaduais e municipais e pelas entidades privadas nacionais de serviço social, aprendizagem e formação profissional vinculadas ao sistema sindical (“Sistema S”). O decreto amplia as possibilidades de abrangência do programa com a inclusão da terminologia “educação básica”. Assim, além de ensino médio, os cursos Proeja podem ser ofertados conjuntamente com o ensino fundamental. Este é originário do revogado Decreto nº 5.478, de 24 de junho de 2005, que tinha como base de ação apenas a oferta de cursos de educação técnica de ensino médio pelas instituições pertencentes à Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

O Proeja tem como centralidade a elevação da escolaridade com formação profissional, proporcionando educação básica sólida em vínculo estreito com a formação

profissional, ou seja, a formação integral do estudante. Seu desafio é integrar trabalho, ciência, técnica, tecnologia, humanismo e cultura geral com a finalidade de contribuir para o enriquecimento científico, cultural, político e profissional como condições necessárias para o efetivo exercício da cidadania (BRASIL, 2009). Essa formação profissional pode ser uma formação continuada, também denominada curso de qualificação profissional, ou técnica de ensino médio, de acordo com a Lei nº 11.741/2008, que institucionaliza e integra as ações da Educação de Jovens e Adultos, da Educação profissional e tecnológica e da Educação profissional técnica de nível médio.

Na concepção defendida pelos fundamentos políticos-pedagógicos do programa, propõe-se a integração teoria-prática, pensar-fazer, formação geral-profissional. Pretende-se romper com a perspectiva educativa que pressupõe a separação teoria e prática, pensar e fazer, formação para o ensino médio e fundamental e formação profissional.

O programa defende uma participação ativa dos jovens e adultos em uma escola para esses sujeitos, que valoriza os saberes produzidos na sociedade, que assume a diferença (jovens, adultos, idosos, trabalhadores, pessoas do campo, mulheres, negros, índios dentre outros) como constitutiva dessa modalidade de ensino e cria alternativas de tempo e espaço escolar.

Um dos princípios que consolida os fundamentos dessa política é o trabalho como princípio educativo, que assume a perspectiva de trabalho como produtor da condição humana, como “ação transformadora do mundo, de sim, para si e para outrem” (BRASIL, 2009). É uma dimensão para além de treinamento para uma ocupação específica.

A aquisição da consciência se dá pelo trabalho, pela ação sobre a natureza. O trabalho, neste sentido, não é emprego, não é apenas uma forma histórica do trabalho em sociedade, ele é a atividade fundamental pela qual o ser humano se humaniza, se cria, se expande em conhecimento, se aperfeiçoa. (Frigotto, Ciavatta e Ramos, 2005)

O principal objetivo do Proeja é a formação humana dos estudantes com acesso aos conhecimentos e saberes científicos e tecnológicos produzidos pela humanidade, além de uma formação profissional que permita compreender o mundo, compreender-se no mundo e nele atuar na busca de melhoria das próprias condições de vida e da construção de uma sociedade justa. A perspectiva é de formação na vida e para a vida e não apenas de qualificação do

mercado ou para ele.

“A formação humana aqui tratada impõe produzir um arcabouço reflexivo que não atrele mecanicamente educação-economia, mas que expresse uma política pública de educação profissional integrada a educação básica para jovens e adultos como direito, em um projeto nacional de desenvolvimento soberano, frente aos desafios de inclusão social e da globalização econômica”. (BRASIL, 2009)

A oferta de Proeja pretende proporcionar formação de cidadãos-profissionais capazes de compreender a realidade social, econômica, política, cultural e do mundo do trabalho, para nela inserir-se e atuar de forma ética e competente, técnica e politicamente, visando à transformação da sociedade em função dos interesses sociais e coletivos.

A Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica - Setec/Mec, com base no Decreto n.º 5.840/2006 e nos documentos base do Proeja, indica seis formas possíveis e distintas de organização dessa oferta educativa: Educação Profissional técnica integrada ao ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos; Educação Profissional técnica concomitante ao ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos; Formação inicial e continuada integrada ao ensino fundamental na modalidade de educação de jovens e adultos; Formação inicial e continuada concomitante ao ensino fundamental na modalidade de educação de jovens e adultos; Formação inicial e continuada integrada ao ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos; Formação inicial e continuada concomitante ao ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos. Todas essas formas, seja a concomitante, seja a integrada, devem ser oferecidas, segundo Decreto n.º 5.840/2006, “a partir da construção prévia de projeto pedagógico integrado único, inclusive quando envolver articulações interinstitucionais ou intergovernamentais” (BRASIL, 2006).

O Proeja é uma iniciativa de aproximação das áreas de Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional, numa perspectiva social e histórico-crítica integrando a preparação para o trabalho à formação de nível médio (MANFREDI, 2003). No decorrer do processo formativo são necessários fundamentos políticos-pedagógicos que direcionam a organização curricular para a integração da Educação de Jovens e Adultos e a Educação Profissional. Os fundamentos são: “democracia, construção coletiva, emancipação humana, valorização dos diferentes saberes, escola vinculada à realidade dos sujeitos, autonomia, trabalho como

princípio educativo” (BRASIL, 2009).

Exigir que os cursos sejam adotados obrigatoriamente na Rede Federal reafirma a importância da oferta educativa para o público jovem e adulto. Uma oferta gratuita realizada por educadores efetivos, qualificados e reconhecidos pelo trabalho que realizam com os sujeitos da EJA. A ampliação dessa oferta nas redes estaduais e municipais pode contribuir com a diminuição dos números alarmantes da educação brasileira, em que cerca de 65 milhões de jovens e adultos não possuem o Ensino Fundamental Completo (PNAD,2009).

2. O Projeto Proeja Transarte

2.1 O Projeto 19 “O Proeja indicando a reconfiguração do campo da Educação de Jovens e Adultos com qualificação profissional – desafios e possibilidades do Proeja”

Em 2006, foi publicado pelo Ministério da Educação o Edital Proeja - Capes/Setec nº 03/2006, para a implementação, em âmbito nacional, do Programa de Apoio ao Ensino e à Pesquisa Científica e Tecnológica em Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos com duração de 4 anos.

Por este edital, foram selecionados 9 grupos de pesquisa distribuídos pelos estados da Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Pará, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo. Um dos requisitos para esta seleção é a necessidade de estabelecimento de parcerias (redes ou consórcios) entre equipes de diferentes instituições de ensino superior ou entre estas e outras instituições de ensino e/ou pesquisa, em nível de pós-graduação *stricto sensu*. Com este documento, constituiu-se um grupo de pesquisadores visando produzir conhecimentos no campo da educação profissional integrada à educação de jovens e adultos.

Esse edital selecionou no Centro-Oeste o Projeto 19 “O Proeja indicando a reconfiguração do campo da Educação de Jovens e Adultos com qualificação profissional – desafios e possibilidades do Proeja”, formado pelo consórcio de instituições: Universidade Federal de Goiás (instituição líder), a Universidade Católica de Goiás, a Universidade de Brasília, e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (instituições associadas).

O objetivo central do Projeto 19 é “investigar os processos de implementação da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos, no âmbito do Proeja em Goiás e no âmbito da rede pública de ensino no Distrito Federal”.

As instituições envolvidas nesse consórcio desenvolvem subprojetos com objetivos e especificidades próprias. O subprojeto 1: “A constituição da Educação Profissional na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – as experiências do Proeja em Goiás” é desenvolvido pela Universidade Federal de Goiás e pelo Instituto Federal de Educação,

Ciência e Tecnologia de Goiás . A Universidade Católica de Goiás desenvolve o subprojeto 2: “Agrupamentos e culturas Juvenis: Espaços de sociabilidade e de formação”.

Desde 2007 a Universidade de Brasília coordena o subprojeto 3: “Transiarte, Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional em Brasília”, em parceria com a Secretaria de Educação e com a Secretaria de Ciência e Tecnologia do Distrito Federal. Em 2009 o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília agregou-se ao projeto e, nesse processo interinstitucional, em 20 de novembro de 2009 é assinado o Acordo de Cooperação nº 7.473, publicado no Diário Oficial da União – Seção 3, em 22 de fevereiro de 2010. Este acordo, com prazo de duração de 2 anos, buscou institucionalizar no Distrito Federal a integração da Educação de Jovens e Adultos à Educação Profissional, e a utilização da Transiarte como linguagem para ser utilizada nas disciplinas juntamente com o currículo da Educação de Jovens e Adultos.

2.2 O Subprojeto Proeja – Transiarte: Equipe e Locus da pesquisa

O Projeto Proeja Transiarte é coordenado por cinco professores-pesquisadores da graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação/UnB. Estão envolvidos no projeto os professores: Lúcio França Teles (Educação e Comunicação), Maria Luiza Pereira Angelim (Educação de Jovens e Adultos), Remi Castioni (Políticas Públicas e Gestão da Educação), Renato Hilário dos Reis (Educação de Jovens e Adultos) e Rita Bruzzi (Didática).

Fazem parte da equipe estudantes pesquisadores da graduação e da pós-graduação da Faculdade de Educação/UnB; direção e professores das escolas nas quais o projeto atua; parceiros da Secretaria de Educação do Distrito Federal; Instituto Federal Tecnológico de Brasília. As articulações políticas tiveram início no ano seguinte à aprovação do projeto pelo edital Proeja – Capes/Setec, em 2007.

O PROEJA Transiarte tem como locus de atuação a Região Administrativa de Ceilândia. Essa escolha está ligada a um contexto histórico relacionado ao nascimento de sua população, que se originou da “Campanha de Erradicação de Invasões” da nova capital, em 1971. Da sigla da campanha surge a primeira parte do nome da cidade, CEI. A segunda parte do nome - “lândia” - vem do inglês *land*, que significa terra. O nome da cidade, oficialmente criada em 1989, tem como significado “terra da campanha de erradicação de invasões”, origem esta que se diferencia de algumas outras regiões administrativas do DF.

Quem fixava residência em acampamentos naquela área eram migrantes brasileiros sem qualificação profissional vindos de fazendas nordestinas do país, enquanto trabalhadores com alguma qualificação estavam construindo Brasília e fixando suas residências em outras regiões administrativas do Distrito Federal, como o Núcleo Bandeirante, por exemplo.

Segundo a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD, 2010) da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan), hoje a Ceilândia possui quase 400 mil habitantes, sendo a Região Administrativa com a maior população do Distrito Federal.

Utilizando como base a Pesquisa de Emprego e Desemprego no Distrito Federal, 2006 (Convênio MTE/DIEESE-Fundação SEADE), os jovens de 15 a 29 anos, são 31% da população do DF, sendo que 20% desses moram em Ceilândia. A taxa de desemprego dos jovens é o dobro da taxa de desemprego total. Em Brasília essa taxa era de 10% em 2006 para

a população como um todo, mas 22% dos jovens estavam desempregados. Em Ceilândia 67% dos desempregados são jovens.

Em Ceilândia, dos jovens entre 15 a 29 anos, 52% não possuem o ensino médio, o equivalente a 66.242 pessoas. Se tomarmos os dados daqueles que não concluíram o ensino fundamental, a situação é mais agravante. Do total de jovens dessa faixa etária, 28.918 não têm o ensino fundamental. Esse diagnóstico contribui para a definição do lócus da investigação.

O grupo tinha como proposta buscar a integração de duas escolas em Ceilândia: O Centro de Ensino Médio 03 de Ceilândia (CEM 03, na QNM 13, Área Especial Ceilândia Sul), e o então Centro de Educação Profissional de Ceilândia (CEP - Ceilândia, na QNN 14, Área Especial, Ceilândia Guariroba), atualmente Escola Técnica de Ceilândia (ETC), pertencentes inicialmente a Secretaria de Educação. Posteriormente passaram a compor distintas secretarias de estado: Secretaria de Educação e secretaria de Ciência e Tecnologia, respectivamente, mas novamente, em meados de 2010, voltaram a ficar subordinada à Secretaria de Educação.

O CEM 03 foi criado no mesmo ano de surgimento da cidade, em 1971, e atende atualmente à Educação de Jovens e Adultos nos três segmentos, ensino fundamental 1 e 2 (primeira a quarta e quinta a oitava séries) e ensino médio (primeiro ao terceiro ano). O projeto teve início na escola em 2007 e em 2008 foi reconhecido no Projeto Político Pedagógico do CEM 03.

A ETC, que foi inaugurada em 1982, oferece cursos de Educação Profissional nos níveis básico e técnico, com o objetivo de contribuir com a qualificação para o mercado de trabalho e desenvolvimento da população de Distrito Federal e entorno. Em 2009 iniciou a oferta de dois cursos técnicos no âmbito Proeja, na modalidade a distância. Também em 2009 teve início a oferta do curso do PROEJA Transiarte na Escola Técnica.

Diversos estudantes, das duas escolas envolvidas, participaram desse trabalho. Os cursos e oficinas oferecidos são resultado da aproximação que a Transiarte promoveu entre as duas unidades de ensino, que distanciam apenas 800 metros.

Em 2010, devido as articulações do Projeto Proeja Transiarte, a pesquisa conquista o remanejamento da professora Dorisdei Valente Rodrigues, mestre em educação por esse projeto e professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal, para a Escola Técnica de Ceilândia. Essa conquista tem como objetivo aprofundar as parcerias e a continuidade de aproximação entre o CEM 03 e a ETC.

O projeto foi construído coletivamente e de forma gradual. As diversas etapas do trabalho e os atores envolvidos foram dando contorno mais preciso ao Transiarte. Essa natureza do trabalho foi promovida de forma consciente pelos membros do núcleo gestor do projeto.

2.3 Estratégia metodológica do projeto PROEJA Transiarte

O procedimento metodológico adotado pelo grupo é a pesquisa-ação de René Barbier, que surge como opção do grupo por almejar uma reflexão-ação que visa a transformação da realidade e a produção do conhecimento.

“A pesquisa-ação proposta no âmbito do Proeja, em Brasília, surge como opção do Grupo por entender que o método implica a finalidade da Ciência e dos procedimentos metodológicos (REIS, 2011). Nesse sentido o grupo de pesquisa entende que uma produção de conhecimento, uma produção de ciência, implica não mais em só interpretar o mundo, mas, de transformá-lo, conforme XI Tese de Marx a Feuerbach.” (Reis & Castioni, 2009)

A mudança está no centro da problemática da pesquisa-ação, que tem como seu objeto uma mudança de sentimentos, sensações, pensamentos, valores e atitudes dos sujeitos (indivíduos ou grupo) participantes em relação à realidade.

A pesquisa-ação permite transformações da realidade de cada participante do projeto e do conjunto de suas relações sociais. Esta metodologia busca facilitar a aprendizagem colaborativa dos estudantes a partir da inclusão digital e social destes, seja pela utilização de softwares de criação e edição audiovisual, ou mesmo a participação ativa em redes sociais de forma crítica e criativa.

2.4 Contextualizando a Transiarte: A Ciberarte

Situamo-nos na chamada “Era da informação ou do conhecimento”, que entre outras características, requer de seus cidadãos o desenvolvimento de habilidades intelectivas, isto é, habilidades que sejam conceituais e técnicas, para melhor funcionar nesta nova sociedade. Também nossa percepção estética muda com o novo momento histórico e percebemos então a arte como algo diferente da experiência artística de gerações anteriores.

A comunicação na sociedade contemporânea é exercida, em grande parte, via tecnologias na Internet. Esta forma de comunicação afetou profundamente a maneira como vivemos, comunicamos, trabalhamos e nos divertimos. Somos até mesmo parcialmente modelados em nossa forma de percepção e em nossas atividades sensoriais pelas tecnologias de comunicação (Benjamin, 1986).

A ciberarte é uma das novas formas de comunicação e expressão artística na internet. Hoje, quando a maioria dos jovens são internautas, a ciberarte passou a ser vivenciada na interatividade da Web, onde indivíduos produzem, intercambiam e copiam vídeos, animações, fotos, poemas, canções e outras formas de arte digital.

A percepção que nos entrega os dados empíricos do mundo em volta e dá origem às experimentações sensoriais estéticas são geradas, também como propôs Benjamin, num período histórico determinado e de acordo com suas características específicas. A estética na ciberarte é comparada com a estética de obras de arte anteriores à produção digital e suas possíveis repercussões. A arte digital é vista assim dentro do conceito da reprodutibilidade técnica da obra de arte (Benjamin, 1986) que se caracteriza pela perda do valor aurático da obra de arte por um lado, e por outro por uma maior democratização e massificação das experiências artísticas.

Segundo Arantes (2005), ciberarte é a arte interativa que insere as tecnologias numéricas nas práticas artísticas, modificando o processo de criação e colocando novos modos de fruição para o público, em situações que devem ser vividas e partilhadas. Incluem-se diversas modalidades na ciberarte, todas caracterizadas pela interatividade dos ambientes digitais, como a música digital, multimídias, ambientes interativos da hipermídia, a realidade virtual, os simuladores e a imersão virtual, a telepresença, as ciberinstalações, a robótica e telerrobótica, e a vida artificial. O público, ao vivenciar a arte digital, interage através de

dispositivos de captura e tradução de sinais do corpo, como mouses, telas sensíveis, capacetes, luvas, sensores e câmeras, além de tocar, caminhar, experimentar, explorar, dialogar e interpretar o que é proposto pelos ciberartistas.

Nas tecnologias interativas, o espectador é participante da experiência. A contemplação, portanto, é substituída pela relação dinâmica com a obra-sistema. É o fim do espectador em sua passividade (Domingues, 2002). As obras de arte transitam do imaginário daquele que a criou e a sua percepção do contexto social que a envolve. A ciberarte permite infinitudes de interação do artista com a sua obra, assim como o exercício do olhar promovido pela mudança tecnológica. A passagem do real físico-presencial para o físico-virtual, ou seja, a digitalização de componentes artísticos produzidos por meio das técnicas das artes “tradicionais” permite capturar expressões artísticas agindo como uma linguagem norteadora do fazer artístico. Neste sentido, o fazer artístico pode ser constantemente reinventado ou modificado.

2.5 A Transiarte

Na sociedade contemporânea os indivíduos parecem estar vivenciando uma re-invenção da identidade cultural (Hall, 2005). Esse processo acontece a partir de adaptações dos indivíduos e grupos nesta sociedade midiática que requer dos atores do processo novos tipos de comunicação e criatividade. O processo de re-invenção da identidade cultural de um grupo pode ser desencadeado com o acesso e o desenvolvimento de habilidades na utilização das ferramentas de informação e comunicação no ciberespaço, permitindo ao estudante uma ação direta na transformação do mundo presencial e virtual em que está inserido.

Possibilitar ao estudante acesso a uma forma de expressão digital permite que ele se perceba como ser criativo e veja possibilidades de criação e virtualização das artes desenvolvidas no seu cotidiano que estão tão entranhadas no imaginário social. Ao perceber-se como ser criativo, o estudante consegue ver potencialidade na bagagem cultural que trás; a expressividade cultural presente nas manifestações populares, no regionalismo. O principal veículo para a evolução de um tema é estimular o estudante a tomar consciência de sua própria capacidade artística. Para se iniciar um tema com um estudante é interessante permitir que este vislumbre suas próprias perspectivas e dimensões culturais em que está envolvido.

A produção artística depende do contexto histórico-social, das relações espaço-tempo que influenciam as criações de cada artista e de apostar nos possíveis reflexos do real vivido, anseios e perspectivas que se pretende alcançar. Esta reflexão cultural é abordada nas oficinas Transiarte. Este é um momento em que o grupo tem a oportunidade de realizar sua própria produção artística e disponibilizar sua arte no meio virtual. Esta é a proposta principal para a oficina: permitir ao aluno conhecer as potencialidades da Transiarte, ver sua arte se tornar um vídeo, uma animação, música, imagem, enfim, contemplar as dimensões que se pode alcançar.

Assim, relacionando-se a um movimento que busca sempre aprender e se desenvolver com a vivência coletiva de seus participantes – sujeitos fragmentados em sua prática pedagógica social, viva, ambivalente e contraditória –, o Proeja Transiarte, apesar de tudo, afirma-se, com Paulo Freire (2005), nos ideais de liberdade e de recuperação da humanidade roubada. Com Solange Jobim e Sônia Kramer (1996), questiona uma concepção de modernidade que faz do homem um ser coisificado, que faz da experiência humana uma vivência de reação a choques. Percebe a presença desse mundo moderno na escola, que

também contribui para a fragmentação, para o desprazer em nossas histórias. Para pisar nesse terreno minado, é desenvolvido o conceito de *Transiarte*, uma categoria de ciberarte.

“A transiarte se situa como uma corrente da ciberarte que promove um elo entre o presente não virtual e o espaço interativo virtual.”
(Teles, 2008)

Transiarte é a arte de transição entre os espaços presenciais da arte já existente e os espaços virtuais acessados pelas tecnologias digitais. Emprega técnicas de criação artística ligadas à ciberarte e ao contexto sócio-cultural do estudante, a proposta é despertar a identidade cultural dos estudantes.

Surge uma nova linguagem na sociedade que permite a transposição da arte presencial (artesanato, bonecos, desenho, pintura etc.) para o ambiente virtual, desenvolvendo a produção artística virtual em forma de animações, vídeos e avatares, que refletem, enquanto reconfigurações virtuais, a arte não virtual. Estimula-se e desenvolve-se a subjetividade, o individual e o social, a criatividade e a auto-percepção, a inventividade, o pensamento crítico e reflexivo, a historicidade, e a sensibilidade estética.

A transiarte é uma das formas da ciberarte que promovem um elo entre o presente não virtual e o espaço/tempo interativo virtual. Essa dimensão de convergência entre as novas formas de arte com as formas mais tradicionais mostram um processo de reconfiguração do passado no presente. Esse processo de remodelação do algo existente ou fabricado, é o que chamamos de “reconfiguração estética virtual”, onde a produção artística junto com seus suportes e outros implementos da arte tradicional são repensados e reconfigurados, passando a expressar novas estéticas, agora digitais, que povoam o campo do ciberespaço. São, portanto, extensões do existente que foram remodelados, gerando assim novas expressões artísticas (Teles, 2008).

A transiarte se caracteriza pela criação coletiva de videoclipes, músicas, fotos ou textos digitais que refletem a arte não virtual. Desenvolve novas possibilidades criativas, os artistas têm a liberdade de desenvolver suas criações utilizando a técnica que tem mais familiaridade ou aptidão, resgata a identidade cultural do grupo, o que promove também, a criatividade dos participantes no coletivo.

Ao inserir-se no ciberespaço, o estudante tem a liberdade de desenvolver suas criações e de estudar técnicas de digitalização, de transformação e de animação. Os trabalhos podem

ser acessados e modificados por todos, fazendo da *web* um lugar onde é possível interagir e não apenas observar. Ao se inscreverem os trabalhos gerados pela criação coletiva, não são propostos direitos autorais, pois a autoria é de domínio público. Nesse processo de interação é que são mobilizadas diversas capacidades, do cognitivo ao experimental. Ao realizar esse empreendimento, os indivíduos estão colocando à prova os conhecimentos que trazem do seu dia-a-dia e os que são experienciados nas atividades de grupo.

Ao estimular no ambiente educacional a transposição da arte presencial para o meio virtual, pretende-se fortalecer os conhecimentos epistemológicos da arte, favorecer os processos criativos e valorizar a expressividade artística tanto no presencial como no virtual. Paralelamente à criação artística, são desenvolvidas pesquisas que buscam a visualização de outros trabalhos artísticos similares, no intuito de contribuir e de estimular a geração de novas idéias.

Na transarte as produções são coletivas e as noções de autoria individual e direito autorais não são consideradas, isto é, todos podem copiar, replicar, modificar a arte digital. Como modelo de autoria de domínio público, a arte é compartilhada livremente. Os trabalhos são interativos e podem ser acessados, modificados e utilizados pelos usuários, fazendo da Web sua “galeria de arte.”

A produção do conhecimento é tanto individual como coletiva. Todos os estudantes participam da indicação dos problemas geradores e do encaminhamento da solução desses, tendo como base inicial a transarte. Os produtos gerados no projeto são videoclipes, animações, fotografias, documentários, conteúdos educativos, utilizados nas escolas, com a perspectiva de estimular o ensino-aprendizagem.

São trabalhadas cinco etapas na produção de obras de Transarte com os estudantes do Proeja: (1) escolha do problema gerador; (2) produção de roteiro e planejamento; (3) execução artística e áudio-visual; (4) montagem e edição em *softwares*; e (5) postagem no *site* www.proejatransiartetube.cefetgo.br. Este *site*, que tem a interface semelhante ao www.youtube.com, funciona como um portal de comunicação interativa onde os vídeos produzidos no projeto podem ser acessados e comentados pelos internautas. Há também espaço para músicas, poesias, fotografias e toda forma de arte que puder ser digitalizada. Há videoclipes elaborados pelos estudantes com base em diversas formas de arte popular. O estudante cria sua própria arte, ao mesmo tempo em que se familiariza com programas e técnicas apropriadas para lançá-la ao mundo.

O projeto foi implementado com foco na arte educação na escola de hoje e investiga

a sua relação com as mídias digitais e com a possibilidade de que os estudantes se expressem, por meio de uma linguagem artística mediada pelas tecnologias de comunicação e informação. Esta proposta com as mídias digitais tem a intenção de explorar os processos criativos e de valorizar a expressividade artística tanto no presencial como no virtual.

Todos os encontros, tanto no Centro de Ensino Médio 03 e na Escola Técnica, assim como na UnB, são registrados e considerados objetos de discussão do encaminhamento ou reencaminhamento da pesquisa.

Nas duas escolas, Centro de Ensino Médio 03 e Escola Técnica de Ceilândia, são criados espaços de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de um confronto e intercâmbio de experiências e de um exercício concreto de educação. Sua organização obedece ao padrão de trabalho de construção coletiva, promovendo a sensibilização, a reflexão e o compromisso com a participação.

A primeira intervenção desenvolvida pelo Projeto Proeja Transiarte com os estudantes da Educação de Jovens e Adultos é a denominada Oficina Transiarte, realizada no Centro de Ensino 03 de Ceilândia. São trabalhadas as etapas de: geração de tema, produção do roteiro, planejamento, execução artística e audiovisual, montagem e edição nos softwares e postagem no site do projeto.

Além da Oficina Transiarte no CEM 03, a proposta pedagógica do Projeto Proeja Transiarte apresenta outras ações na Escola Técnica de Ceilândia, a saber: Ciberarte I, Ciberarte II e Introdução à Arte Digital, que dão continuidade à Oficina Transiarte – CEM 03.

O curso “Ciberarte I” teve início em março de 2009. Ele introduz os participantes à construção coletiva a partir de um problema gerador discutido em grupo, da mesma forma que as Oficinas no CEM 03. Em seguida, no “Ciberarte II”, os estudantes tem um curso de introdução ao computador e à internet. A discussão dos conceitos de arte e arte digital também se faz presente.

Neste trabalho investigo as ações no curso “Introdução à Arte Digital”, no primeiro semestre de 2010. Os estudantes aprendem a utilizar softwares específicos para a criação de trabalhos artísticos, criam trabalhos individuais e coletivos.

Objetivo Geral

- Investigar as significações de jovens e adultos que vivenciam o Proeja Transiarte ao possível processo de transformação social, mediados pelas novas tecnologias da informação e comunicação.

Objetivos específicos

- Identificar como os jovens e adultos participantes do projeto se relacionam com as novas tecnologias da informação e comunicação;
- Avaliar quais as competências adquiridas pelos estudantes do curso de Introdução à Arte Digital, mediante sua experiência no Transiarte.
- Identificar a importância na trajetória escolar e na trajetória de vida dos estudantes a participação no Proeja Transiarte.

CAPÍTULO II - O processo de transformação social dos estudantes do curso de Introdução à Arte Digital a partir do uso de novas tecnologias

Neste capítulo analiso qual o significado da linguagem tecnológica e importância da participação dos estudantes no Proeja Transiarte na sua trajetória escolar e na sua trajetória de vida.

No início do curso, haviam 25 estudantes matriculados, entretanto, como é comum nas turmas da EJA, muitos não eram frequentes ou se viam obrigados a sair do grupo porque tinham que cuidar da casa ou conseguiam um emprego.

Dos 25 estudantes matriculados, somente 11 participaram das aulas de Introdução à Arte Digital na Escola Técnica de Ceilândia e destes, 7 eram frequentes nos encontros. São eles: Antônia, Hýcaro, Júlio, Klyverton, Liliane, Nayara e Sâmara. As entrevistas foram realizadas com 3 educandos envolvidos no projeto.

O curso iniciou em abril de 2010 com o professor João Rocha e teve continuidade com a professora Dóris, que também participa do projeto como mestrandia.

Para atender os objetivos deste trabalho, o método para a coleta de dados foi a pesquisa semi-estruturada. Esse método de coleta sugere que apesar da formulação de perguntas centrais, a propositura de outras perguntas que surgirem durante a entrevista não afeta a qualidade do trabalho. Escolhi entrevistar os estudantes oralmente devido a liberdade e a autenticidade das respostas, além de um diálogo mais humano, verdadeiro. Pude sentir suas angústias, alegrias, satisfações, insatisfações por meio de gestos, inquietações e olhares.

Os momentos presenciados, as perspectivas e frustrações, os avanços e retrocessos no processo foram anotados em um registro de campo que contribuiu e valorou, assim como a coleta de dados, para tal pesquisa.

As reuniões nas sextas-feiras, de manhã, na UnB, foram essenciais para a conclusão deste trabalho, me auxiliando na ação-reflexão-ação.

1. Os entrevistados

Conheço o Júlio desde a minha primeira visita ao CEM 03. Ingressamos juntos no PROEJA Transiarte, no primeiro semestre de 2009. Participamos das Oficinas de Transiarte no turno vespertino. Ele se apresenta:

“Meu nome é Júlio Gomes Sobrinho. Idade, eu tenho 56 anos. Resolvi retornar os estudos até porque tem mais de 26 anos que eu parei de estudar e aí é uma forma também de relembrar aquilo que eu estudei há tanto tempo”.

Nascido no Rio Grande do Norte, Júlio é hoje morador de Ceilândia, aposentado e tem um filho ainda criança.



Sâmara tem 18 anos, nascida no Ceará e moradora de Ceilândia. É muito criativa, comprometida e sorridente. Estudante da oitava série, ela pretende prestar vestibular para direito, quer ser advogada. Ela nos conta o motivo de ter interrompido os estudos.

“Eu fiquei doente, febre reumática, aí eu fiquei parada 2 anos. Aí eu me atrasei um pouquinho. Eu queria continuar no regular, porque o regular é melhor, aprende mais coisas, no EJA é muito rápido, você não aprende nada.”

Ela está na EJA porque o regular não a aceita mais. Sâmara retornou os estudos em 2010, sendo encaminhada à educação de jovens e adultos por ter 18 anos e estar cursando a oitava série do ensino fundamental. No mesmo ano ela soube do projeto e se interessou.

“O professor de geografia, Michelângelo, tava falando sobre esse projeto. Aí depois o Luciano, orientador, ele passou falando sobre o curso, aí eu peguei e me inscrevi”.



Hýcaro é um jovem ceilandense de 16 anos. Estudante da oitava série, tem opiniões formadas, sabe o que quer.

“Eu entrei no EJA porque não deixaram eu fazer aceleração. Acho que foi por causa da idade, mas foi até bom por que eu já assisti umas 2 aulas de aceleração e aprender aula pelo telecurso é horrível, você não aprende nada. Então é melhor o EJA mesmo”.



2. A relação dos estudantes com o computador

Um novo tempo, um novo espaço e outras maneiras de pensar são exigidos na sociedade da informação. Desta forma, a realidade atual da educação implica o contexto dessas novas configurações sociais e desse novo patamar tecnológico. Mas como os estudantes do curso de Introdução à arte digital se relacionam com as novas tecnologias da informação e comunicação?

Como em toda turma de EJA, o curso foi formado por um grupo heterogêneo, com diferentes idades, anseios, interesses. Vale ressaltar que, neste grupo tão diverso encontram-se pessoas que se enquadram nos perfis de Nativos e Imigrantes Digitais, apontados por Prensky (2010) e Gary Small e Gigi Vorgan (2008).

Segundo os pesquisadores, Nativos Digitais são os sujeitos que nasceram depois dos anos 1980, em meio às chamadas Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC 's); as que estão perfeitamente à vontade com toda tecnologia oferecida. Entre os entrevistados, entram nesse perfil a Sâmara e o Hýcaro.

Ao ser questionada como foi seu primeiro contato com o computador, Sâmara diz:

“Nossa, faz tanto tempo [que mexo no computador]. Acho que eu nasci no computador! Sei lá, faz bastante tempo mesmo. Não lembro a primeira vez que mexi no computador. Eu devia ter uns 10 anos, ou menos. Foi na casa do meu primo que ele tem computador. Eu mexia no paint também, que eu gostava. Sempre eu gostei de desenhar no paint, desde criança. Faz muito tempo, eu não me lembro dessas coisas porque eu sempre fui de mexer, sempre fuzei, até queimar o computador lá de casa.”

A experiência de Hýcaro foi por meio de jogos:

“Meu primeiro contato [com computador] acho que foi o que, em 2005, que era quando tava começando a ter aquela febre de jogos de computador. E aí o que aconteceu, eu comecei no computador foi por jogo. Ai depois que eu fui mexer em internet, em Orkut, essas coisas.”

Já os Imigrantes Digitais são as pessoas que nasceram antes da popularização dos computadores, da Internet, fora do mundo digital, mas que, antes, se veem introduzidos nele; que conheceram computadores e outras tecnologias da Era Digital, já adultos, como é o caso do Júlio, que diz já ter intimidade com esta tecnologia:

“[Meu primeiro contato com computador foi] Há uns 12 anos. Meu Deus, tinha até medo de chegar próximo! Eu conhecia computador há mais tempo, mas acontece o seguinte, a intimidade mesmo foi aqui na escola e nesse curso aqui, fui ter mais contato com ele. Hoje eu já começo a treinar algumas coisas nele.”

Segundo explica Marc Prensky (2010),

(...) imagine uma pessoa que nasce num país onde passa a maior parte da sua vida, até migrar para outro país, outra cultura, língua e costumes. Essa pessoa, imigrante, não passa a ser nativo do país em questão, seja pelo sotaque ou outra característica cultural. Entretanto, para os nativos do país, a língua, a cultura, as pessoas são naturais. (Prensky, 2010).

Essas diferenças entre os Nativos e os Imigrantes Digitais são colocadas em questão por Small (2008) ao afirmar que:

“Os típicos imigrantes digitais, pessoas com mais de 30 anos, foram treinados de maneira muito diferente no que se refere à socialização e à aprendizagem. Fazem as tarefas passo a passo – e sempre uma por vez. Eles aprendem metodicamente e executam os trabalhos de forma mais precisa. Com habilidades mais acuradas para o contato social, são mais vagarosos na adaptação e no uso das novas tecnologias. Os nativos digitais são melhores ao tomar decisões rápidas e ao agrupar o grande volume de estímulos sensoriais do ambiente.”

É importante fazer esta distinção: como os Imigrantes Digitais aprendem – como todos imigrantes, alguns mais do que os outros – a adaptarem-se ao ambiente, eles sempre mantêm, em certo grau, seu “sotaque”, que é, seu pé no passado. O “sotaque do imigrante digital” pode ser percebido de diversos modos, como o acesso à internet para a obtenção de informações, ou a leitura de uma manual para um programa ao invés de assumir que o programa nos ensinará como utilizá-lo. Atualmente, os mais velhos foram “socializados” de forma diferente das suas crianças, e estão em um processo de aprendizagem de uma nova linguagem. (Prensky, 2010).

É possível notar esse diferente “sotaque” nas falas dos estudantes quando perguntados sobre o que eles fazem e o que eles gostam de fazer no computador.

“Acesso mais meus emails, vejo alguns trabalhos do colégio, né. [...] eu vejo mais meus emails ou algum trabalho que eu faço do colégio e aí já desligo o computador, deixou ele quietinho. Vejo alguma novidade, alguma reportagem que tá no auge, eu vejo, mas eu não abro site de bate-papo, essas coisas não.” (Júlio)

Os imigrantes digitais têm como característica a dificuldade em deixar antigos métodos para trás. Exemplos disso são não usar a internet como primeira fonte de informação e imprimir emails. Diferente dos nativos digitais que cresceram com a tecnologia digital e a veem como aliada, os imigrantes digitais muitas vezes têm medo dela.

“Eu olho muito também site de desenho, por que como eu tenho formação em desenho, eu gosto muito de ver. É por que eu gosto muito pra entrar no Orkut, MSN e, principalmente, jogar! Eu adoro jogo. Também entro muito pra ver as imagens dos jogos, principalmente pela qualidade gráfica que é impressionante. Acho muito massa.” (Hýcaro)

A velocidade que os Nativos Digitais recebem informações é muito rápida. Eles preferem o hipertexto, com vários acessos aleatórios, processando mais de uma coisa por vez, realizando múltiplas tarefas. Os nativos trabalham melhor quando ligados a uma rede de contatos.

*“Eu faço trabalhos, eu entro no MSN pra conversar com o pessoal que tá longe, eu entro no Orkut, eu entro nos programas, no **Gimp**.”*

Eu vim primeiro pra cá, depois eu vi que tinha o programa Gimp aí eu 'nossa, não posso perder'." (Sâmara)

Fica claro que os interesses nos Nativos e Imigrantes Digitais são distintos, afinal, eles tiveram experiências diferentes com a tecnologia e, por isso, tem diferentes estruturas de pensamento. Perguntados sobre o que gostariam de fazer no computador, os estudantes mais jovens demonstraram mais entusiasmo com a ferramenta.

Hýcaro conta que quer criar um jogo de guerra e que aprendeu a história da segunda guerra mundial jogando no computador.

"Eu queria criar um jogo de guerra, por que tipo, jogo de guerra é muito massa. [...] Eu aprendi a história segunda guerra mundial não foi nem na escola, foi no videogame. [...] Quando você presta atenção, você nem percebe que você está na frente do computador jogando."

Sâmara quer aprender a criar site para poder abrir uma loja online:

"Criar site, sou doida pra aprender a criar site. Eu queria abrir um site pra mim pra vender peças pra carro, fusca. É que o meu cunhado gosta muito de fusca [...] A gente tava pensando em abrir uma empresa pra vender peças pra carro, só que ele não sabia mexer em site, aí a gente ia comprar a peça pra revender."

Quando questionei o Júlio o que ele gostaria de fazer, ele me respondeu que até o momento nada:

"Vou falar sério, até agora, no momento, não."

Segundo registra o pesquisador Pierre Lévy (1999), é importante e necessário colocar as pessoas em situação de curiosidade frente às Novas Tecnologias, em uma possibilidade de exploração do novo. Estimular os Nativos e Imigrantes digitais do curso de Introdução à arte digital a buscarem informações e reflexões, a tornarem a rede uma opção prática na vida diária, garante a inclusão digital e social desses sujeitos.

3. Impressões e olhar

Pretendo deixar claro o quão importantes como a desse projeto contribuem na formação de estudantes da Educação de Jovens e Adultos. Hoje a inclusão digital é um tema enfatizado e discutido por muitos pesquisadores. A formação dos educandos/trabalhadores deixa grandes lacunas capazes de deixar esse grupo desqualificado, sem compreensões mínimas de informática, mundo, coletividade.

A transformação social é o maior benefício causado pelo instrumento tecnológico, segundo Souza (2003), devido a troca de conhecimento entre as pessoas por meio da reciprocidade. É necessário pensar em uma didática e em uma pedagogia consciente das transformações, na luta contra o fracasso e a exclusão social.

O projeto de pesquisa que acontece hoje em Ceilândia transforma todos os participantes, os alunos e professores do Centro de Ensino 03 e da Escola Técnica, e os alunos e professores da UnB, mostrando o lado positivo dessa atuação. Existem, nos próprios relatos, revelações de transformação que compreendem mudanças em todas as esferas de vivência dos estudantes da EJA.

“Eu já percebi que eu já tô me soltando mais com relação ao computador, né. Hoje eu procuro mais ter mais contato com ele e algumas páginas, que eu não gostava, eu já tô abrindo, vendo as imagens. Eu nem vivia isso, então com esse curso eu tô me abrindo mais, tô me soltando com o computador. Em casa também. Eu tô me soltando mais, não só com o computador, em quase todas as áreas, acho que eu tô mais aberto, mais comunicativo. Eu me fechava muito, agora eu tô mais me abrindo.” (Júlio)

Essa transformação é resultado da experiência concreta dos estudantes. A realidade que se vê, se sente e transforma, sendo também transformado. Marx e Engels (2007) já enunciavam que a realidade é terra fértil para promoção da consciência, da problematização e da interpretação ampla da existência.

“... Não partimos do que os homens dizem, imaginam, representam, nem tampouco do que eles são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação dos outros, para depois se chegar aos homens de carne e osso; mas partimos dos homens em sua atividade real, é a partir de seu processo de vida real que representamos também o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas desse processo vital.” (Marx e Engels, 2007)

E nesse momento a realidade de Ceilândia faz parte da vida dos estudantes. Estes reconhecem seu papel dentro da comunidade, como moradores e cidadãos que refletem sobre o seu papel na cidade e no mundo. Abre-se um espaço de vez, voz e decisão, e no Proeja Transarte um espaço educativo, interativo e representativo. Hýcaro deixa isso claro em sua fala quando eu questiono se ele conseguiu expressar seu pensamento crítico.

“Eu penso o seguinte, teve toda aquela relação que o povo mais rico tem daqui pra ter preconceito: periferia, pobre, crime e rap. Quando você fala essas quatro coisas pro rico, ela já pensa mal daqui. Então o que eu tentei expressar foi que aqui não é assim.”

Nesse mundo cheio de questionamentos, onde também somos parte, percebemo-nos responsáveis por ele por ser parte dele. E esse mundo tem problemas que se tornam nossos problemas. Essa processo de reflexão sobre a cidade, o mundo do trabalho e a qualificação do trabalhador que ocorreu no segundo semestre de 2010 com a turma de Introdução à Arte Digital é resultado da relação humana que busca desenvolvimento da comunidade, desenvolvimento do grupo e do projeto, culminando no desenvolvimento pessoal/profissional. O curso é espaço de aprimoramento e desenvolvimento das capacidades e do processo de aprendizagem de todas as partes envolvidas.

“Eu aprendi a mexer no Movie Maker, que eu não sabia. Sem falar que eu também descobri um monte de site legal. Quando eu terminava tudo eu ia lá dar umas fuçadas. Quando eu queria achar uma coisa, tipo jogo mesmo, eu gosto muito de instalar, “site de jogos”, descobri 15! [...] Fiz um vídeo massa lá, não sei se ainda ta no computador. Aquele lá com Movie Maker com uns, tipo slides.”

(Hýcaro)

Vale lembrar que quando o vídeo se popularizou na internet, movimentou também muitos jovens cujo objetivo era brincar de filmar, o que certamente não os caracterizou como cineastas. Como disse Pierre Lévy, “o crescimento do ciberespaço é resultado de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar coletivamente formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas propõe”. Muitos jovens que experimentam novas formas de comunicação pertencem às classes mais favorecidas, que têm acesso a internet em casa, diferente do nosso grupo de pesquisa.

A mera capacitação técnica dos estudantes, através da inclusão digital, embora necessária, é insuficiente. É necessário também entendimento pragmático, para tornar a rede uma opção prática na vida diária, como pagar contas, consultar informações, compras online e outras utilidades que venham a ajudar os usuários e minimizar o tempo gasto com esse tipo de serviço (Araujo, 2006). É preciso preparar esses indivíduos para o posicionamento crítico, visto que a rede deve incluir hábitos culturais de leitura, informação, conhecimento e reflexão. Só assim estarão aptos a serem produtores de conteúdos próprios, originais e inovadores, e não meros reprodutores de padrões consagrados. Mais do que profissionais, estarão sendo formados cidadãos, capazes de construir subjetividades fortes e reforçarem a comunidade a que pertencem.

“Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questione profundamente as forças institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e sobretudo os papéis de professor e aluno” (Lévy, 1998).

Como muitos integrantes do grupo não tem acesso à rede, a professora Dóris deixava um bom tempo da aula para os alunos navegarem livremente na internet. É uma forma de familiarizar os estudantes com a linguagem e desenvolver sua sensibilidade cultural.

“Desde o início o pessoal gostava muito de mexer [no computador], é impressionante. A professora dava um tempinho pra gente ficar navegando. Tempinho, não, a gente ficava era um tempão. Eu abria meu Orkut, ensinei o Hýcaro a entrar na página e ele ensinou pra

Nayara que ensinou... Eu acho que só tem aquele senhor que não sabe entrar.” (Sâmara)

Os alunos mais velhos apresentaram mais dificuldades em lidar com a tecnologia ao contrário dos alunos mais novos que pareciam mais familiarizados com o computador, a internet e alguns outros softwares. O que não impediu a vontade de aprender ou pelo menos entender o processo de pesquisar na internet, digitalizar as fotografias, ligar e desligar o computador e rabiscar no Gimp.

Quando pergunto para o Júlio se ele conseguiu expressar seu pensamento crítico, ele me fala da dificuldade que tem de se inserir no grupo, de maioria jovem. Também se posicionada sobre o processo de juvenilização da Educação de Jovens e Adultos.

“Eu acho que o grupo ainda tá um pouco fechado, né. Ainda não tem essa abertura e eu acho que, principalmente eu que já tô com a idade um pouco mais avançada, acho que eu sou o mais velho do grupo, né. E os jovens geralmente não gostam de se abrir pras pessoas com mais idade, eles preferem ali no meio do grupinho deles mesmo. Mas tá bom, a gente se entender aos poucos. A maioria é jovem, a maioria é garoto ainda. Eu acho o EJA, no meu entender, deveria ser pras pessoas de mais idade, pessoas que pararam de estudar. O que eu vejo no EJA é garotão que poderia tá no normal e tá aí. Porque no EJA a gente aprende o básico, né. Você tem que estudar bastante, e por exemplo, eu não estudo muito. Quem tá ali tá naquela de curtir, curtir a vida. Enquanto a gente de mais idade, a gente quer aprender mesmo, a gente quer saber as coisas. Isso prejudica. Quando a gente vai começa a fazer pergunta para os professores: “careta”! Eles acham que não é uma coisa séria.”

O processo de juvenilização da EJA caracteriza-se em função de um intenso movimento de migração dos/as jovens do ensino regular para o ensino noturno e da diminuição da idade legal de acesso, de 18 para 15 anos. Esses fatos vêm demandando uma reconfiguração desta modalidade de ensino que atendia, inicialmente, pessoas mais velhas que estavam fora da escola há certo tempo.

O aumento dos alunos entre 15 e 17 anos que vem de insucessos no ensino regular e na EJA dividem o espaço com adultos. Tais situações produzem tanto exclusão quanto

inclusão do ensino e a elas se agregam, ainda, às dimensões de gênero, classe e raça, uma vez que processos de ex/inclusão ocorrem de modos diferentes para jovens mulheres/homens, brancos/negros, jovens/adultos. A EJA se configura como uma possibilidade de re-inserção ou lugar de migração de jovens pobres com defasagem idade/série ou com histórico de fracasso escolar. No entanto não representa garantia de permanência e, estar inserido na EJA não significa, necessariamente, estar incluído. A mobilidade dos/as jovens dentro da escola visibiliza a flexibilidade e a provisoriedade de tais processos. Todos podem ser incluídos em uma situação, mas excluídos de outra e, nesta dimensão, os pertencimentos de gênero, classe e raça estão intrinsecamente relacionados com as posições de sujeito jovem que se pode ocupar no espaço da escola.

Apesar da dificuldade que o Júlio tem sentido para se inserir no grupo, ele disse estar gostando de trabalhar coletivamente:

“Tá bom, porque a gente vê as ideias dos jovens. Eu gosto porque, sabendo as ideias deles, eu posso ver do meu filho também, que tenho garoto pequeno. [...] Isso aí é bom pra mim, como pai.”

Júlio e Sâmara estão gostando do trabalho coletivo pelo mesmo motivo: conhecer melhor os outros participantes do grupo.

“ Ah, eu acho que tá legal porque a gente conhece a forma de pensar do pessoal, interessante...” (Sâmara)

As relações sociais caracterizam a formação e a constituição dos estudantes em estudantes. *“À medida que o indivíduo se constitui, ele está constituindo e é constitutivo das relações sociais” (Reis, 2000)*. E essa convivência acarreta em um processo de mudança. *“Esse processo de mudança de personalidade, de transformação do próprio homem, de constituição de sua consciência, de sua singularidade/individualidade, como fica evidente, se dá na contradição das relações sociais” (Reis, 2000)*.

“Eles [os jovens] se soltam mais. Isso é bom. Eu creio o seguinte, quando ele, o jovem, vê uma pessoa mais experiente falando, ele se solta também. Eu vejo o jovem assim, ele gosta muito de se aparecer. Se ele diz 'O camarada aí tem idade e tá aí falando. Por que que eu

também não vou falar?'. Aí ele começa, né.”(Júlio)

Depois do tempo afastada da escola devido a febre reumática, Sâmara se sente mais responsável com os estudos e com o trabalho. A participação no curso “Introdução à arte digital” foi um importante estímulo para que ela voltasse a estudar, para conhecer melhor os estudantes da sua nova escola e vislumbrar um futuro diferente, tanto pessoal quanto profissional.

“ Acho que eu fiquei mais responsável ultimamente. [...] O curso eu nem vejo como compromisso, eu venho mais por prazer. É porque eu fazia outro curso, eu ia menos que tudo e era pago, esse não, esse eu venho sempre. Tô mais responsável com os estudos e com o trabalho, principalmente.”

A valorização do retorno à escola é fundamental, já que representa a chance que o jovem ou adulto está dando ao sistema educacional de considerar a sua existência social, sua condição de sujeito através de práticas pedagógicas adequadas e relevantes para sua realidade social.

Os estudantes do grupo planejam um futuro relacionado as aulas do curso. Júlio não tem interesse profissional, mas planeja passar para os jovens da sua igreja a experiência que teve na Escola Técnica de Ceilândia:

“É uma novidade. É uma coisa que eu tô aprendendo agora, depois de uma certa idade e que tá me dando conhecimentos. Não com objetivo de fazer alguma coisa pra trabalhar. Meu objetivo é, até por eu estar numa igreja, possa passar para os mais jovens a experiência que eu estou aprendendo.” (Júlio)

Hýcaro pretende se especializar no desenho para trabalhar nessa área:

“É porque, tipo, eu mesmo tava querendo passar pro estágio avançado de desenho, eu queria muito trabalhar com isso. Eu queria trabalhar fazendo desenho, desenho animado, ou fazendo jogo. Pra mim, se eu pudesse fazer isso... Nem é pra ganhar muito dinheiro,

não, só tendo minha casinha, minha bicicleta.”

A experiência no curso da ETC é uma via propícia para promover o desenvolvimento humano dos estudantes, uma formação na perspectiva do desenvolvimento integral, conforme pressuposto da Educação Integrada, “[...] ou seja, uma educação que busca o desenvolvimento integral – ou por inteiro – de todas as potencialidades humanas. Que significa ainda a livre e a plena expansão das dimensões intelectuais, afetivas, estéticas e físicas do homem [...]” (Castro; Machado & Vitorette, 2010).

A formação profissional passa a ser parte de um todo que compõe a formação integral do ser humano: “[...] a gente conhece a forma de pensar do pessoal” (Sâmara). Há uma perspectiva de coletivo que une as pessoas: “[...] eu tento adquirir experiência e ao mesmo tempo passar também a experiência da minha vida” (Júlio). A produção do vídeo “Cidade Viva”, criado pelos estudantes do curso de Introdução à Arte Digital, foi feita após diversos momentos de discussão sobre os temas abordados na animação. Temas estes que fazem parte do cotidiano dos estudantes e que eles quiseram mostrar para o mundo: “[...] o que eu tentei expressar foi que aqui [na Ceilândia] não é assim [periferia, pobre, crime e rap]” (Hýcaro).

Considerações Finais

A sociedade contemporânea vive um momento globalizado, onde o domínio das tecnologias da informação e da comunicação torna-se condição básica para o acesso aos recursos sociais, econômicos, políticos e culturais. Tanto o acesso às novas tecnologias e à informação quanto a formação humana e artístico-cultural dos estudantes são condições indispensáveis para o projeto de um futuro igualitário, em que prevaleçam atitudes responsáveis e solidárias nas relações da vida coletiva. Neste trabalho tentei identificar um possível processo de transformação dos estudantes a partir do uso de ferramentas tecnológicas, em um trabalho coletivo.

O curso de Introdução à Arte Digital tornou-se um espaço de sociabilidade e, principalmente, de discussão dos problemas enfrentados pelos participantes do grupo. O vídeo criado por eles põe em cena problemas vividos por pelos estudantes e por diversos outros moradores de Ceilândia: fala da exclusão social, do desemprego, de pobreza, de criminalidade, de violência. Mostra também como é a cidade de Ceilândia, fala de orgulho, de possibilidade de realização de sonhos e esperanças. Esta produção surge como uma experiência cultural de resposta aos problemas de exclusão e desigualdade social. Foi perceptível que a escolha do tema do vídeo foi feita diante do desejo de se representar a realidade, desenvolver a imaginação e expressar os sentimentos individuais e coletivos, transformando-os.

A base da educação emancipadora sai da esfera em que o professor é o detentor do conhecimento, entregando esse fardo para ambos os sujeitos que, inseridos em um contexto de vozes sociais e em constante movimento dialético, estão aprendendo e ensinando constantemente. Por isso, o educador não só educa, mas no processo em que está educando também está sendo educado (Freire, 2005). Isto é possível por meio de uma relação horizontal de diálogo, criando um processo cíclico de conhecimentos em que vão crescendo e se transformando juntos (ibidem, 2008).

A permeabilidade e a responsividade da relação “eu-outro”, “outro-eu”, no curso de Introdução à Arte Digital criou um ambiente favorável para a liberdade de fala e escuta responsiva, contribuindo para a aprendizagem dessa linguagem tecnológica. Transformando uma máquina em uma ferramenta de voz. O computador propicia um espaço de descoberta,

experimentação, autonomia e possibilidades de interatividade que une de forma interdisciplinar arte, educação, ciência e tecnologia, formando um só eixo no ambiente escolar.

As tecnologias digitais são hoje, indiscutivelmente, ferramentas sociais importantes que podem contribuir para a educação formal e complementar de estudantes de baixa renda, ampliando o seu universo e conteúdos culturais, desenvolvendo novas competências e habilitando para os mundo do trabalho de forma consciente.

Essa monografia conclui-se atendendo seu objetivo inicial: investigar as significações de jovens e adultos que vivenciam o Proeja Transarte ao possível processo de transformação social, mediados pelas NTICs. O presente trabalho não tem a pretensão de encerrar a discussão ou os estudos acerca desse tema complexo. Ao contrário, esse texto pretende iniciar uma relação ainda muito incipiente, a relação entre estudantes da educação de jovens e adultos e as novas tecnologias da infomação e comunicação. Pretendo futuramente pesquisar de que modo esses artefatos tecnológicos dos tempos atuais podem mediar os processos de ensino-aprendizagem de forma a construir práticas pedagógicas mais significativas para as transformações sociais e culturais do estudantes da EJA.

PARTE III

PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Parte III: Perspectiva de atuação profissional como pedagoga

O curso de pedagogia Universidade de Brasília, os amigos que fiz, o Proeja Transarte foram essenciais para minha constituição humana e profissional. Sofri mudança de atitudes, práticas e discursos, desenvolvi uma maior capacidade reflexiva.

Pertencer a estes espaços foi fundamental para minha percepção da capacidade transformadora da educação no indivíduo e na sociedade. A educação deve ter como objetivos reflexão, autonomia, estabelecer relações sociais de igualdade, respeito, liberdade. Por meio dela devemos desenvolver nossa subjetividade, nossa individualidade, nosso olhar acerca do mundo, devemos aprender a nos relacionarmos conosco e com o mundo/o outro.

Enquanto pedagoga espero manter vivo o sentimento de uma educação mais humana, justa, solidária, reflexiva/pensante, feliz e expressiva em toda a capacidade criativa humana, contribuindo no processo de formação e construção da sociedade.

Minha vontade é continuar os estudos acadêmicos, sendo esta uma forma de continuar a discutir e pensar a educação. Quero realizar uma pós-graduação e um mestrado.

Pretendo me preparar para o serviço público no qual eu possa atuar como pedagoga, onde eu interaja e reflita coletivamente em busca de melhorias. Mas este não é o único caminho. Com a conclusão desta etapa, me sinto disposta a aprender ainda mais.

Referencias Teóricas

ARANTES, Priscila. Arte e mídia: perspectivas da estética digital. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

ARAUJO, Denize Correa. O caráter pseudo da inclusão digital. In: ARAUJO, D. (org.). Imagem (ir)realidade: comunicação e cibermídia. Porto Alegre: Sulina, 2006.

BARBIER, René. A pesquisa-ação. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.

BENJAMIM, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: ---. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Ed. Brasiliense, v.1, p.165-196, 1986.

BRANDÃO, Carlos. O que é educação. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

BRASIL. Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os artigos 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília-DF, 2004.

_____. Decreto nº 5.478, de 24 de junho de 2005. Institui, no âmbito das instituições federais de educação tecnológica, o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Brasília-DF, 2005.

_____. Decreto nº 5.840/2006. Diário Oficial da União, 2006.

_____. Documento-Base do Proeja de Nível Médio e Técnico. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Brasília/DF, 2009.

_____. Lei n.º 11.741, de 16 de julho de 2008. Altera dispositivos da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2008.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2009. Brasília-DF, 2009.

CASTIONI, Remi & REIS, Renato Hilário dos. EJA e educação profissional no Distrito Federal: integrando escolas e construindo a política pública. V Simpósio Internacional - O Estado e as Políticas Educacionais no Tempo Presente. Uberlândia: FACE-UFU. Dezembro, 2009.

CASTRO, Mad'Ana Desirée Ribeiro de; MACHADO, Maria Margarida & VITORETTE, Jacqueline Maria Barbosa. Educação integrada e Proeja: diálogos possíveis. Educação & Realidade. Porto Alegre: UFRGS, v. 35. n. 1, 2010.

- DOMINGUES, Diana. Criação e interatividade na *ciberarte*. São Paulo: Editora Experimento, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- _____. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- _____; SHOR, Ira. *Medo e ousadia – o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria & RAMOS, Marise. A Política de Educação Profissional no Governo Lula: um percurso histórico controvertido. *Educação e Sociedade*. Campinas-SP. Vol. 26, nº 92, p. 1087-1113, Especial – Out, 2005.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- KRAMER, Sônia & JOBIM, Solange. *Histórias de Professores*. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva*. São Paulo: Editora Loyola, 1998.
- _____. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- RODRIGUES, Dorisdei Valente. *O Projeto Proeja-Transiarte: uma experiência de pesquisa-ação em Ciberarte*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Brasília: Universidade de Brasília, 2010.
- MANFREDI, Maria Silvia. *Educação profissional no Brasil*. São Paulo: Editora Cortez, 2002.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.
- PRENSKY, Marc. *Teaching Digital Natives*. San Francisco: Sage Publications, 2010.
- REIS, Renato Hilário dos. *A constituição do sujeito político, epistemológico e amoroso na alfabetização de jovens e adultos*. SP/Campinas, 2000.
- SMALL, Gary & VORGAN, Gigi. *iBrain*. New York: Harper Collins, 2008.
- SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. *Comunicação, educação e novas tecnologias*. Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro: Editora FAFIC, 2003.
- TELES, Lúcio. Reconfigurações estéticas virtuais na transiarte. In: MARTINS, R. (Organizador). *Visualidade e Educação*. Goiânia: Editora Universidade Federal de Goiás, 2008.
- ZIM, Aline. *Arte, Educação e Narrativa no Proeja-Transiarte: Ensaio e Fragmentos*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

Sites

< <http://www.mec.gov.br>>

<<http://www.forumeja.org.br/>>

<<http://www.cepceilandia.df.gov.br/>>

<<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/>>

Site Proeja Transiarte: Disponível

em: <<http://www.proejatransiartetube.cefetgo.br/index.php>>.

Edital 03/2006 Proeja/Capes/Setec: Disponível em:

<http://portal.Mec.gov.br/Setec/arquivos/pdf1/edital_Proeja_capes_Setec07.pdf>.

A publicação do extrato deste Acordo de Cooperação: Disponível em:

<<http://www.in.gov.br/imprensa/visualiza/index.jsp?jornal=3&pagina=32&data=22/02/2010>>.

Resultado do Proeja Capes Setec, Publicado no DOU de 15/01/2006, Seção 3, pg. 25.

Disponível em: <<http://portal.Mec.gov.br/Setec/arquivos/pdf/resultado.pdf>>.

Projeto 19 selecionado pelo Edital 03/2006. Disponível em:

<<http://forumeja.org.br/pf/sites/forumeja.org.br/pf/files/formularioProeja.pdf>>.

Apêndice

Apêndice – A

Apêndice - B

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, aluno (a) da Escola Técnica de Ceilândia da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, participante do Projeto PROEJA - Transiarte, autorizo a utilização e divulgação de minha falas, imagens e/ou trabalhos realizados no projeto citado, em trabalhos científicos e sites apropriados, sob responsabilidade da graduanda Natália Capistrano dos Santos Stanzani, pesquisadora e participante do projeto na escola.

Assinatura do participante

Brasília, Junho de 2010

Apêndice – B

Roteiro das entrevistas

- Qual o seu nome e sua idade?
- Por que você está na EJA?
- Você tem contato com o computador há quanto tempo? Lembra a primeira vez que viu ou mexeu no computador? Teve dificuldade?
- O que você faz e gosta de fazer no computador?
- O que você gostaria de fazer no computador mas ainda não faz?
- Relate sua experiência no curso da ETC. Como avalia sua participação no projeto?
- Conseguiu construir e expressar socialmente seu pensamento crítico?
- Como está sendo o trabalho coletivo agora no curso?
- Quais transformações você percebeu em você como ser humano, como estudante e como profissional?
- E nas suas observações, você vê alguma mudança/ transformação nos outros estudantes?
- O que você acha da diferença de idade entre os alunos da turma?
Aprende alguma coisa que considera importante no curso da ETC?

Anexo

Anexo – A

Anexo – A

Cópia do vídeo “Cidade Viva” produzido pelos estudantes do curso de Introdução à Arte Digital da Escola Técnica de Ceilândia no primeiro semestre de 2010.